

O LUSO-BRASILEIRISMO OU A DIVERSIDADE NA UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — algumas políticas e estratégias de aproximação —

A. Freitas Magalhães

*“É tempo! Independência ou morte.
Estamos separados de Portugal!”*

A separação de que se fala em epígrafe não significa afastamento ou distância, antes pelo contrário, a separação significa respeito e tolerância pelos valores do outro país que se comunica conosco através da mesma língua. Por isso, o luso-brasileirismo continua vivo, apesar das salutares diversidades e divergências próprias de quem sabe dialogar e sabe afirmar a sua identidade linguística comum — esse é o nosso comum patrimônio que nos une desde sempre.

Com este breve trabalho, em jeito de ensaio, pretendemos dar uma visão desse luso-brasileirismo, caracterizando e compreendendo o desenvolvimento da Literatura Brasileira e Portuguesa à luz das polêmicas que suscitaram os diversos movimentos que eclodiram após a independência do Brasil.

Para que o luso-brasileirismo continue a ser um fato, fazemos ainda referência a políticas e estratégias para a afirmação da diversidade na identidade da língua portuguesa, nomeadamente lançando algumas propostas para o intercâmbio inevitável que tem que haver entre os dois países.

Todavia, a relação linguística e cultural entre Portugal e o Brasil sofreu ao longo dos tempos várias mutações. E ainda hoje “mesmo os que estudam a literatura do país irmão, só à custa de verdadeiras acrobacias conseguem vencer a barreira do desconhecimento mútuo (...).”²

A problemática da emigração é referida com insistência na revisão de literatura efetuada por nós como fator de desenvolvimento do tecido sócio-económico do Brasil.

Como refere Joaquim Palminha Silva³, “da segunda metade do século XIX às duas primeiras décadas do século XX, sabe-se como o Brasil era o objetivo comum a grande parte dos portugueses. Ir para o Brasil era ‘aquilo’ a que todos se agarravam com unhas e dentes. Contavam-se por muitos milhares os emigrantes. O Brasil servia para que cada um atamancasse à pressa uma saída feliz na vida, um futuro, uma fuga àquilo que, em Portugal, os prejudicava ou assim julgavam. O Brasil andava nas ruas de Portugal. (...) Mas se o Brasil ‘andava’ em Portugal, um determinado Portugal ‘andava pelo Brasil’, roçando as redações dos jornais e revistas, fundindo com o calor imagens e textos que passavam a ser, depois, uma proposta cultural’, por vezes encarada pelos brasileiros como ‘colonização’ desastrosa.”

A visão de José Saramago⁴ que se traduz no fato de a Península Ibérica se desintegrar do resto da Europa e ir mar (Atlântico) adentro e ao Sul, leva a pensar no desejo inconsciente de união entre os países que ainda hoje sustentam a história de Portugal e de Espanha além fronteiras; a história de Portugal — a parte que nos interessa — passa muito por África e pela América do Sul, nomeadamente pelo Brasil

É um fato que “a língua portuguesa teve o privilégio de ser escolhida por várias nações africanas”⁵ e pelo Brasil.

Nos últimos anos tem-se assistido a um incremento das relações. Todavia, e tal como acontecia no início da década de oitenta, como refere Fernando Cristóvão⁶“(…) o luso-brasileirismo continua a não merecer dos responsáveis de ambos os países a atenção postulada pelos seus discursos.”

Fernando Cristóvão cita os casos de José Osório de Oliveira (em 1940) e de Graciliano Ramos lamentando-se das polémicas e falta de intercâmbio cultural.

Cita ainda os casos de Fernando Namora e Norberto Lopes que apresentaram as suas críticas nos jornais O Estado de São Paulo e Diário de Notícias, sustentadas pelo fato de não existir qualquer intercâmbio cultural, classificando de “mentira piedosa”⁷ como refere Fernando Cristóvão.

Este especialista em literatura brasileira já em 1983 faz referência a algumas medidas para o restabelecimento de intercâmbio cultural⁸. E é dessas medidas que falaremos depois de percorrermos sobre o percurso da literatura brasileira, em contraponto com a literatura portuguesa, e sobre as polémicas que surgiram com a assunção da independência do Brasil e suas consequências nos movimentos sociais e literários. A relação entre Portugal e o Brasil nunca foi pacífica, mas o fato de falarmos a mesma língua ajuda na resolução de problemas considerados difíceis.

O relacionamento com o Brasil acaba por se tornar uma inevitabilidade face ao percurso histórico de Portugal e à sua influência em todos os aspectos da

vida do povo brasileiro ao longo dos séculos. Por isso, se falava e se fala de uma ponte luso-brasileira por cima do Atlântico. A expressão de “países-irmãos” encerra em si todo o desenvolvimento de um caráter humano, o que não deixa de ser uma porta aberta à inevitável aproximação entre os dois países, apesar das naturais divergências próprias do percurso existencial.

A independência do Brasil (1822) veio acender a idéia da identidade nacional e as querelas acerca da língua saltam para a ribalta.

José de Alencar (1829-1877) publica *Iracema*, em 1865, livro que mereceu forte contestação por parte de Pinheiro Chagas a quem acusa de “(...) escrever uma língua incorreta”⁹.

Estamos em pleno Romantismo. E em Portugal há movimentações por parte dos intelectuais aguçando as suas críticas aos escritores brasileiros como mais adiante constataremos.

Maria Aparecida Ribeiro¹⁰ faz a devida referência ao Romantismo. “Proclamada a independência, em 1822, era preciso consolidá-la, pois até 1823 os governadores de algumas províncias negavam-se a aceitá-la (...) o sentimento nacionalista demoraria a seguir. Basta dizer que, para a elaboração da constituição, havia um Partido Brasileiro (de que fazia parte José Bonifácio), dominado pelos fazendeiros, mas dividido entre “aristocratas” e “democratas”, e um Partido Português, que representava os interesses dos militares, funcionários e comerciantes, na sua maioria portugueses, que pretendiam a recolonização. Esta divisão, somada aos problemas que o absolutismo português lhe trouxera com a aclamação de D. Miguel, acabou por levar D. Pedro I a abdicar (1831): o imperador passara a ser uma figura impopular, dando mais ouvidos ao Partido Português que ao Brasileiro e contrariando, muitas vezes, a Constituição (1824) por ele mesmo proclamada.”

Um novo “sistema ético-estético” surge como consequência de todas as alterações políticas. Trata-se de um sistema que conflui uma consciência ideológica e uma consciência pragmática da brasilidade.

Assim sendo, o Romantismo, que já se fazia sentir por toda a Europa, é o movimento ideal para levar por diante aqueles desígnios.

Exemplos daquele Romantismo são Gonçalves Dias (grande responsável pelo indianismo), Casimiro de Abreu e Castro Alves (exaltação do negro).

Há uma valorização das temáticas do exílio e do negro e, mais tarde, do índio. Aliás, “o indianismo corresponde, assim, a uma ideologia conservadora (...) e mostra a ambiguidade do Romantismo: ao mesmo tempo em que é marca de fato nacional, representa uma importação cultural.”¹¹

“As estéticas anteriores ao Romantismo mantiveram a visão mercantil europeia em relação à paisagem, mesmo quando o tom era de ufanismo (...) o nacionalismo romântico, também importado do velho continente, mostra, no entanto, um olhar que valoriza a paisagem como traço de identidade, que faz desaparecer a visão mercantil. (...) Tendo ocupado a cena literária brasileira

por um longo espaço de tempo (1836-1881), era natural que o Romantismo fosse tomando formas e rumos diferentes. Costuma-se falar em três gerações de poetas românticos (...) o mesmo não se dá no romance, embora nele seja possível estabelecer quatro linhas — o romance histórico, o de atualidade ou urbano, o indianista e o regionalista.¹²

Enquanto a literatura brasileira ia em busca dos seus caminhos, surgem as críticas. As mais expressivas são da lavra de Ferdinand Denis e de Almeida Garrett, as quais põem em causa a originalidade e independência da literatura brasileira.

José de Alencar fica na história da literatura brasileira como um homem que provocou a polêmica.

O escritor critica severamente “A Confederação”, no Diário do Rio de Janeiro, e pretende pôr em marcha o seu projeto, o qual passa pela assunção do poema épico em versos. Todavia, Alencar não conseguiu tal façanha, resultando, no entanto, *Iracema*, poema em prosa, em que se evidencia o lirismo.

Alencar vai mais longe e defende a dinamização da atividade teatral, pois, segundo ele, o autor deve ser ator.

Com o aparecimento de *Iracema*, o assunto da língua literária brasileira ganha projeção e surgem as polêmicas. Pinheiro Chagas elogia a temática e não a língua. As construções frásicas merecem severas críticas por se considerar uma “profanação” do espólio linguístico que pertence exclusivamente aos portugueses.

Apesar de tudo, *Iracema* evidencia os símbolos da nacionalidade e é um referencial histórico para a assunção da literatura brasileira, como sublinha Gilberto Freyre quando aponta nas obras de Alencar o denominado “lusotropicalismo.”

Como refere Fernando Cristóvão¹³ “os grandes expoentes do Romantismo português eram favoráveis à independência literária brasileira, tendo até exortado os autores do Brasil a libertarem-se dos cânones europeus e lusitanos e aproveitarem os motivos de inspiração local.

Neste período surgem acesas polêmicas entre escritores portugueses e brasileiros, entre os quais se mencionam Pinheiro Chagas, Castilho contra Abreu Lima¹⁴, Joaquim Norberto, etc.

Como refere Fernando Cristóvão “é no início deste século, em 1901, que se dá o reconhecimento da variante brasileira feita pelo prestigiado filólogo Leite de Vasconcelos, mas, verdadeiramente, só depois da década de 40 ela é reconhecida e aceita em Portugal, chegando a atingir, a meio da década de 70, com a projeção da primeira telenovela brasileira na televisão portuguesa, um autêntico triunfo de popularidade.”

Para este especialista em literatura brasileira, “(...) a popularidade dos autores brasileiros em Portugal foi mais rápida que a da sua linguagem, e de consequências mais relevantes. Consolidada a originalidade literária pelo Mo-

ernismo de 22 e por ação de divulgadores de ambos os países escrevendo em jornais e revistas, o conhecimento dos autores brasileiros em Portugal foi progressivo, ainda que irregular.”

O Professor Fernando Cristóvão alude no seu texto a toda uma referência histórica comum que faz com que seja adepto, tal como nós, de uma “(...) intercomunicação cultural luso-brasileira, pois não mais se pode falar nem em dependência cultural do Brasil, nem em indiferença mútua.”

Depois destas acesas polêmicas, segue-se um período de relativa acalmia durante o qual Machado de Assis (1839-1908) escreve textos, tendo por pano de fundo a prosa de autores portugueses.

Entretanto, Sílvio Romero trava com Araripe Júnior uma acesa polêmica sobre as características na formação do povo brasileiro: se o meio, se a raça. Sílvio Romero valoriza o mestiço, Araripe Júnior valoriza o papel do índio.

Com o advento do Modernismo¹⁵ (1892) chegam as mudanças culturais. O Brasil espera um século para a afirmação da sua realidade cultural.

Trata-se de um período revolucionário e de exacerbado furor nacionalista. Os filólogos mostram-se contrários à gramática “(...) gramática tradicional e ao purismo lusitano.”¹⁶

A escrita neste período apresenta-se como uma aproximação à linguagem verbal.

Exemplos de uma certa moderação são os de Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. Enquanto que Guimarães Rosa pontua a sua presença na literatura brasileira pela sua linguagem original.

Pretendia-se afirmar a “variante brasileira do português”¹⁷ naquele país.

As idéias modernistas¹⁸ tentam fazer uma ponte entre a tradição e a modernidade.

Não é por acaso que Wilson Martins¹⁹ refere que “a literatura brasileira moderna manifesta dois movimentos em sentido à primeira vista contrários, mas que, na realidade, se conjugam para um mesmo resultado: de um lado, tomando consciência de si mesmos, ela se esforça por resistir às influências estrangeiras, procurando assimilá-las em seu proveito e não apenas refleti-las; por outro lado, é crescente a evolução para o universal. Foram essas duas Fadas, a Fada da Terra e a Fada do Mundo, que se inclinaram sobre o berço do Modernismo e aí jogaram os seus sortilégios; o Futurismo foi, no primeiro minuto, o chamado fascinante da Europa cosmopolita que se seguiu à guerra; o Modernismo foi a reação do remorso contra a desnacionalização; o moderno seria a reintegração inevitável numa civilização avassaladora.”

Não nos podemos esquecer que “toda a arte que queira ser verdadeiramente ‘moderna’ em relação ao seu tempo tem de refletir os dois termos do binômio em que se acha uma solução para os problemas humanos — natureza e sociedade.”²⁰

A literatura brasileira, pouco conhecida entre nós, evidencia muitas quali-

dades, como se pode constatar, por exemplo, na Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea²¹.

Como nota Fernando Cristóvão²² no espaço linguístico português existem, hoje, sete literaturas a significar e assegurar a pujança de uma língua comum que, à medida em que os tempos passam, se enriquece em variedades nacionais e regionais, com a firmeza e a unidade suficientes para ser veículo de comunicação adentro de uma grande comunidade a formar-se."

A propósito da literatura brasileira, é de opinião que a mesma "(...) já atingiu a plenitude, e, se não fosse a incongruência da metáfora biológica, diríamos que de filha se tornou irmã da Portuguesa, como amplamente o demonstra a igualdade de capacidades, sobretudo a partir do neo-realismo português. Com efeito, até praticamente ao romance nordestino de 30 e a nível literário, era sempre a literatura portuguesa a apresentar modelos e sugestões à brasileira, e a partir dessa data passou a literatura brasileira a influenciar a portuguesa, como está amplamente demonstrando, processando-se desde então até aos nossos dias uma intercomunicação literária feita de igual para igual."

O intercâmbio cultural²³ passa pela deslocação de escritores brasileiros a Portugal e vice-versa. O relato da escritora Marly de Oliveira²⁴ é bem elucidativo: "A viagem a Portugal, integrada num grupo de escritores brasileiros, foi um acontecimento na minha vida. De repente, eu não só me reencontrei com a língua portuguesa e com as minhas origens (...)."

A promoção da cultura e língua portuguesas passa, obviamente, pelo incremento de políticas e estratégias que favoreçam a aproximação entre os dois países.

- A dinamização do Instituto Internacional da Língua Portuguesa;²⁵
- A criação e dinamização de fortes leitorados junto das universidades brasileiras;
- A promoção intercultural de programas de desenvolvimento e incentivo à leitura (em 1996 participamos no Programa Pró-Ler, na Casa de Leitura, no Rio de Janeiro, a convite do Ministério da Cultura do Brasil e com o apoio do Ministério da Cultura de Portugal. A ação de promoção da leitura foi organizada pela Fundação Biblioteca Nacional);
- A promoção e difusão das potencialidades culturais e linguísticas dos dois países em certames conjuntos, em Portugal e no Brasil;
- Incremento de políticas e estratégias de ensino-aprendizagem no sistema de ensino brasileiro;
- Intercâmbio de escritores e filólogos e outros agentes da língua e da literatura;
- Intercâmbio a nível de manuais escolares e de outro tipo;
- Incremento de políticas e estratégias de promoção da língua através dos audiovisuais e das novas tecnologias (a Internet, por exemplo);
- Abertura de diálogo à diversidade da literatura brasileira;

— Estabelecimento de protocolos de cooperação para o estudo das literaturas nacionais, regionais e locais.

Também Miguel Torga, na entrega do Prêmio Camões, nos Açores, no dia 10 de junho de 1989, disse: “Galardoado neste momento por um júri das duas pátrias que trago no coração, à sombra do maior gênio da raça, o sentimento dessa exiguidade agrava-se e a minha angústia redobra. Como posso eu, num, tal desengano, arcar com a responsabilidade de representar, mesmo por instantes, a grandeza espiritual de Portugal e do Brasil, um, rico dum passado glorioso e ainda capaz de o renovar, outro, a ser já no presente a imagem solar dum fabuloso futuro, e, sobretudo, não deslustrar, como servidor do nosso idioma, um patrono que o dignificou como ninguém? amar Portugal, amei-o eu sempre, e procurei compreendê-lo de todas as maneiras, inventariando-lhe incansavelmente o corpo e a alma, devoto e defensor da sua identidade. Amar o Brasil, amei-o eu sempre, foi o meu segundo berço, sinto-o na memória, trago-o no pensamento e orgulho-me tanto dele como qualquer dos meus filhos”²⁶.

O escritor brasileiro Ferreira Gullar considera que o “Brasil é o *desdobramento* de Portugal, no nosso país a componente portuguesa é a mais importante, ainda mais do que a índia ou a negra, embora estas também sejam importantes”²⁷.

Sobre o acordo ortográfico²⁸ ainda, o filólogo Antônio Houaiss considera que a “lusofonia é a única fonia que, com o mesmo alfabeto, tem duas ortografias oficiais — a portuguesa, aceite pelos países africanos de língua oficial portuguesa, e a brasileira — numa situação que tem contribuído para o progressivo desconhecimento recíproco dos integrantes do complexo linguístico e cultural lusofônico”²⁹.

O debate em torno da língua não é pacífico como se constata pela polêmica suscitada pelo anteprojeto de unificação da língua portuguesa³⁰ entre a Academia de Ciências e a Comissão Nacional para a Língua Portuguesa.

A este propósito ainda, Fernando Cristóvão³¹ afirma que “sem acordo de unificação, dentro em breve o português poderia ter sete ortografias.”

Temos que ter em conta que “a valorização da língua não é apenas uma atitude cultural ou política.”³²

A Comunidade de Países de Língua Portuguesa, institucionalizada em 1994, é, sem dúvida, um instrumento de divulgação da cultura dos países envolvidos.

O ex-presidente da República do Brasil, Itamar Franco, disse na altura que “é na nossa língua que se conserva o ímpeto realizador daqueles homens que venceram as tormentas e o medo antigo, a fim de abrir estradas no mar, rasgá-las nas selvas e impor os marcos de domínio aos confins desconhecidos”³³.

É verdade “essa massa de lusófonos brasileiros contribui de uma forma decisiva, na altura do século XX em que vivemos, para fazer do português uma língua de importância internacional”³⁴.

Ainda hoje os brasileiros “reconhecem, a um tempo, a originalidade linguística do Brasil e a superior unidade da língua portuguesa. Uma especificidade brasileira no interior do português, eis, em suma, o que reivindicam”³⁵.

A este propósito Antônio Quadros³⁷ desenvolve a idéia dos escritores portugueses sobre a sua pátria. Antônio Quadros dirige-se às novas gerações que “(...) em Portugal e no Brasil, já compreenderam não poder haver futuro de um ideal humano exigente sem a re-ligação às raízes profundas dos nossos seres pátrios fraternos” exaltando a aproximação entre os dois povos.

Mas temos que ter em conta que “não há separação essencial entre os povos que falam a língua portuguesa. Embora Portugal e Brasil sejam nações diferentes, não são nações diferentes (...)”³⁸.

Desde o dia 22 de abril de 1500 (início da corrente migratória para o Brasil) que se verifica o que Ferreira designa por “unidade imperecível”³⁹.

É curiosa a afirmação de Gilberto Freire, citado por Ferreira⁴⁰ quando diz que “depois de Cristo ninguém tinha contribuído mais do que os portugueses para a fraternidade entre os homens.”

“O Brasil nasceu português e continua português”⁴¹.

É verdade que “o estatuto da língua nacional coloca o português do Brasil, quanto ao status sócio-político, no mesmo nível que o português de Portugal, com a diferença fundamental de que o de Portugal é falado por mais de 10 milhões de indivíduos e o do Brasil por mais de cem milhões”⁴².

“A história do Brasil, de 1500 a 1822, está escrita com capítulos da história de Portugal e com o sangue dos portugueses de Portugal; e portugueses do Brasil”⁴³.

É sintomático que o SEPESP — Seminário Permanente de Estudos Portugueses da Universidade Federal do Rio de Janeiro — haja escolhido para tema de mesa redonda “o que é para nós a cultura portuguesa hoje: será a mais estrangeira das culturas?”⁴⁴. Participaram no debate os filólogos Antônio Houaiss e Adriano da Gama Kury e o escritor português Almeida Faria.

Aliás, a presença de representações de intelectuais em certames literários no Brasil é um fato. A Bial de São Paulo é uma realidade, como a maior exposição cultural de toda a América Latina.

O acordo ortográfico divide os portugueses e os brasileiros. Referências como “exploração patrioteira” verificada no nosso país quanto à problemática do acordo ortográfico.

Antônio Houaiss foi mais longe ao dizer, naquele debate, que “o delito ortográfico não é suscetível de pena e que os escritores podem escrever camêlo com três cês.”

A relação entre Portugal e o Brasil nunca foi pacífica. Nas palavras de Martins⁴⁵ “Portugal aparece como uma nação que se omite no trabalho das suas influências e ver, por esta razão, perder substância e deixando de exercer o seu papel histórico.”

A presença da cultura brasileira em Portugal só vem reforçar os laços de

cooperação. Por exemplo, a abertura da nova chancelaria, em 1988, com a presença dos presidentes da República da altura, José Sarney e Mário Soares, veio reforçar a presença brasileira no nosso país, como o demonstra o Centro de Estudos Brasileiros. O próprio embaixador da altura, Alberto da Costa e Silva disse: "a diplomacia brasileira sempre se sentiu em Portugal como a Irene do poema de Manuel Bandeira, aqui não é preciso pedir licença para entrar porque as portas estão sempre abertas"⁴⁶.

E ainda o exemplo da escritora Ruth Escobar⁴⁷: "Não consigo ter uma visão lúcida em relação a Portugal. São impressões sensoriais, sentimentais, é uma coisa medieval. É uma relação uterina."

A idéia de que "o brasileiro é um português à solta", como defende Manuel Bandeira⁴⁸, pode ser sempre um ponto de partida para o diálogo entre os dois países, pondo de parte as querelas sobre quem e como dominar uma língua que, afinal, é comum e pertence aos dois.

A idéia de que "o Brasil não nos quer! Está farto de nós!"⁴⁹ é uma idéia que está desenquadrada no tempo e no espaço. É legítimo que os brasileiros defendam a sua pátria como os portugueses defendem a sua. Todavia, na questão da língua, tal realidade não se põe, uma vez que ela é comum e serve de instrumento de comunicação e aproximação entre os povos.

A problemática da identidade⁵⁰ portuguesa sempre acompanhou os pensadores portugueses. Há quase sempre uma procura das raízes para fundamentar essa identidade que vai mais além das fronteiras físicas.

É preciso ter em conta o relacionamento entre os dois países assumindo que o "Brasil deve ser um vasto horizonte e o futuro de Portugal e Portugal deve ser também um indispensável horizonte no futuro do Brasil"⁵¹.

Um exemplo notável de entendimento cultural e linguístico foi, sem dúvida, o trabalho desenvolvido pelo Prof. Lindley Cintra (1925-1991) e por Celso da Cunha na execução da obra "Nova gramática do português."

Já em 1952, Aquilino Ribeiro⁵² e instado a comentar o "intercâmbio Brasil-Portugal" apenas disse: "Vejam-se menos os homens e mais o facto histórico e étnico. É quanto basta."

A língua comum é apenas o "sinal de mais íntima ligação"⁵³, e como tal deve ser vista, pois só assim é possível o entendimento em todos os domínios da cooperação.

A questão da "lusitânia nova" é a florada por Sílvia Elia⁵⁴ e deve ser aproveitada como uma rampa de lançamento para o estabelecimento de relações afetuosas e linguísticas com o "país-irmão."

Se é bem certo que "homens e povos acordam tarde sobre si mesmos"⁵⁵, não menos certo e verdade é dizer que Portugal não virou as costas ao Brasil, porque mantém com aquele imenso país uma relação histórica umbilical.

Assim, a aproximação entre os povos do Brasil e de Portugal deve ser um fato atendendo ao percurso histórico e a comum vontade, questionando o va-

lor e o significado dessa aproximação no sentido de a justificar cada vez mais, pois, neste momento, “vivemos ainda muito à sombra do que autoridades eminentes realizaram, ou, talvez exprimindo-nos de forma mais adequada, ousaram pensar.”⁵⁶

Como refere Helena Mateus⁵⁷ “sendo a quinta língua do mundo em número de falantes, falada, como língua nacional ou oficial em sete países (Portugal e Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde) e espalhada por quatro continentes, a língua portuguesa está restringida, na Europa, a um espaço de 90.000 km² (...) No caso de Portugal e do Brasil, não se tratando de uma afirmação de independência, como encarar a relação dos portugueses e dos brasileiros com a sua língua materna? Na borda do Oceano Atlântico existe um país, um pequeno país, cujas fronteiras são as mais antigas da Europa; na América do Sul, a maior área nacional tem já um razoável percurso histórico no interior do continente americano. Nestes dois espaços se fala uma língua que, de Norte a Sul, não apresenta notáveis variações. Essa língua de tradição é um repositório de esquecidas memórias e os povos que a falam reconhecem-na como parte integrante do seu patrimônio, ao lado dos monumentos, das artes e ofícios, da música.”

Como diz Aquilino Ribeiro⁵⁸, para terminar, “a língua é a tanto dos brasileiros como dos portugueses. Herdaram-na legitimamente e a vão aperfeiçoando como patrimônio precioso.”

Por isso, o luso-brasileirismo continua vivo, porque se respeita a diversidade da identidade da língua portuguesa.

Notas

1. D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, nas margens do Ipiranga, em S. Paulo, cit. por JOELSERRÃO (Dir) In “Brasil”, *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, p. 382.
2. CRISTÓVÃO, Fernando. “Seis sugestões para um intercâmbio a haver”, In *Cruzeiro do Sul*, a Norte, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983, p. 411.
3. Cf. Joaquim Palminha Silva. “A emigração portuguesa esquecida”, in *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, 1986, ano VI, nº 217, p. 4
4. SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. Lisboa, Caminho, 1986.
5. MATEUS, M. H. M. “Unidade da língua portuguesa”, in *JCALP*, 1986, nº 5, p. 11.
6. CRISTÓVÃO, Fernando. Ob. cit., p. 412.
7. Idem, idem, ibidem.
8. Idem, ob. cit., pp. 413-416.
9. TEYSSIER, Paul. “O português do Brasil”, in *História da língua portuguesa*, Lisboa, Editora Sá da Costa, s/d, p. 89.
10. Cf. Maria Aparecida Ribeiro. *Literatura brasileira*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 81-116.
11. Idem, idem, ibidem.
12. Idem, idem, ibidem.
13. Cf. Fernando Cristóvão. “Brasil-Portugal: da dependência à interdependência cultural”, in *Notícias e problemas da pátria da língua*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, pp. 104-107.
14. Abreu e Lima (n. completo José Inácio de Abreu e Lima) nasceu em 06.04.1795 (Recife) e morreu em

- 08.03.1869. Militar, muito crítico em relação a Portugal. Escreveu, entre outras obras, Bosquejo histórico político e literário do Brasil. (Ver *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, vol. 15, s/d., pp. 89-90.
15. Sobre esta problemática ver J. A. NEVES. "Movimentos modernistas em Portugal e no Brasil: as revistas e os autores", in *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, 1995, nº 12, pp. 117-126.38. PESSOA, F. Citado por Luís Fagundes Duarte, "Inéditos de Pessoa a propósito da língua." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano VIII, nº 310, 1988, pp. 16-17.
 16. Idem, idem, ibidem.
 17. Idem, idem, ibidem.
 18. A este propósito, o Prof. Urbano Tavares Rodrigues escreve capítulo "Da modernidade à tradição — pontos actuais da novela brasileira", in *Ensaios de escrever*, Coimbra, Centelha, 1978, pp. 139-160.
 19. Cf. Wilson Martins, cit. por Maria Aparecida Ribeiro, ob. cit., p. 258.
 20. CABRAL, V. "Forma e conteúdo da expressão literária." ICALP, 1991, p. 221.
 21. NEJAR, Carlos. *Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea*. Lisboa, 1986, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
 22. Cf. Fernando Cristóvão. "As literaturas de língua portuguesa em áreas tropicais", in *Notícias e problemas da pátria da língua*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 84.
 23. Ana Vicente faz uma incursão sobre a opinião das mulheres portuguesas sobre as relações culturais entre os dois países, "Mulheres portuguesas falam das relações Portugal-Brasil e da situação das mulheres em Portugal", in *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, 1995, nº 12, pp. 185-199. Algumas opiniões: "relações incipientes, culturalmente"; "Sempre me preocuparam bastante a nível cultural, sobretudo porque me parece grave a falta de contactos entre escritores. Parece que não falamos a mesma língua, os escritores portugueses só têm acesso aos escritores consagrados e não a uma literatura que se está a fazer(...)."
 24. Cf. Marly Oliveira ao *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano VIII, 1998, nº 302, p. 6.
 25. Ver documento de criação in *ICALP*, nº 18, 1989, pp. 181 e segts.
 26. TORGA, Miguel. "Miguel Torga: um homem, um artista e um revolucionário." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano IX, nº 363, 1989, p. 6.
 27. FERREIRA GULLAR. "A linguagem tem deser novinha em folha." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano XI, nº 486, 1991, pp. 16-18.
 28. Sobre o assunto ver "Acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990." In *Diário da República*, 1991, 23 de agosto, 1ª série, nº 193.
 29. HOUAISS, Antônio. "Decálogo do acordo ortográfico unificado." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, em 27 de abril de 1994, p. 29.31 CRISTÓVÃO, F. "Simplificação ortográfica — um autêntico vespeiro." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. 28 de fevereiro de 1989, pp. 26-27.
 30. A este propósito ver artigo "Acordo ortográfico: guerra de palavras." In *Jornal de letras, Artes e Idéias*, ano IX, nº 365, 1989, p. 19.
 31. F. CRISTÓVÃO, "Simplificação ortográfica, um autêntico vespeiro", in *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, 28 de fevereiro de 1989, pp. 26-27.
 32. MATEUS, M. H. M. Ob. cit., p. 15.
 33. Cf. Itamar Franco. "Comunidade de Língua Portuguesa." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, de 27 de abril de 1994, p. 3.
 34. MATEUS, M. H. M. Ob. cit., p. 75.
 35. Idem, ob. cit., p. 92.
 36. CRISTÓVÃO, F. "A hora e a vez da língua portuguesa." In *ICALP*, 1986, nº 5, p. 38.
 39. FERREIRA, T. L. "Confederação dos povos de língua portuguesa." In *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 11, 1989, p. 189.
 40. Idem, ob. cit., p. 190.
 41. Idem, ob. cit., p. 189.
 42. SILVA, Rosa V. M. "Diversidade e unidade: a aventura linguística do português." In *ICALP*, nºs. 12 e 13, 1988, p. 19.

43. FERREIRA, T. L. ob. cit., p. 183.
44. Problemática referida no *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Ano XI, nº 464, 1991, p. 4.
45. MARTINS, Ives G. S. "Portugal e o Brasil. In Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, nº 11, 1989, p. 311. VASCONCELOS, J. C. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano XI, nº 473, 1991, p. 5.
46. Ver "Brasil: nova chancelaria com espaço cultural." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano VIII, nº 328, 1988, p. 3.
47. Cf. Ruth Escobar ao *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano VII, nº 281, 1987, pp. 16-17.
48. Cf. Manuel Bandeira, citado por José Alberto Braga, "Brasil, brasileiros." In *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano XII, nº 516, 1992, p. 6.
49. SARAIVA, Arnaldo. Citado por Vergílio Alberto Vieira. In *Os consentimentos do mundo*. Porto, Lello & Irmãos Editores, 1993, p. 198.
50. Eduardo Lourenço dedica dois capítulos ("Identidade e memória — o caso português", pp. 9-16 e "Portugueses — identidade e imagem", pp. 17-24) a esta questão do seu livro "*Nós e a Europa ou as duas razões*", Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1990.
51. J. VASCONCELOS, *Jornal de letras, Artes e Idéias*, ano XI, nº 473, 1991, p.5.
52. Cf. Aquilino Ribeiro em entrevista concedida a Aurélio P. Martins, no Rio de Janeiro, em 1952, e publicada no jornal *Voz de Portugal* e republicada no *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, ano V, nº 167, 1985, pp. 20-21.
53. MALTEZ, J. Adelino. "Sobre as estratégias da cultura portuguesa." In *Boletim da Academia Internacional de Cultura Portuguesa*, nº 18, 1991, p. 130.
54. ELIA, Sílvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo, 1989, pp. 17-21.
55. LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1990, p. 17.
56. PINTO-CORREIA, J. D. "Repensar a nossa identidade cultural." In *ICALP*, 1986, Nº 4, P.9.
57. Cf. M. Helena Mateus. "Unidade e diversidade da língua portuguesa", Universidade de Letras de Lisboa, policopiado, Porto, 1995, pp. 1-2.
58. Cf. Aquilino Ribeiro. Ob. cit., p. 22.